

# Entre ciência e singularidade: o inconsciente

Roberta Giacobone<sup>1</sup>

Bárbara Mariano da Rocha<sup>2</sup>

Camila Terra da Rosa<sup>3</sup>

Márcia Semensato<sup>4</sup>

Samanta Antoniazzi<sup>5</sup>

*“Quando se procura algo só se encontra, no máximo, aquilo  
que se procurou, e deixamos de nos surpreender com algo  
novo, que porventura surja diante de nós”*

Marco Antonio Coutinho Jorge

O disparador para a escrita deste ensaio foi a proposta feita pela FLAPPSIP para o Simpósio de Pesquisa de seu IX Congresso, realizado no Brasil e intitulado *Psicanálise: Um Mundo em Transformação*. As questões trazidas como interrogantes a serem pesquisados eram: Psicanálise, o que é? Qual a sua vigência no contemporâneo? Dessa forma, inauguramos o texto com as questões que nortearam a pesquisa realizada por várias instituições filiadas à FLAPPSIP que deveriam seguir uma indicação antecipada da inquietação, gatilho da pesquisa, bem como

---

1 Psicanalista, mestre em Psicologia Clínica pela PUCRS, Coordenadora da Comissão de Investigação e Pesquisa em Psicanálise e membro efetivo do CEPdePA.

2 Psicanalista, integrante da Comissão de Investigação e Pesquisa em Psicanálise e membro associado do CEPdePA, mestranda do PPG Psicanálise: Clínica e Cultura pela UFRGS.

3 Psicanalista, integrante da Comissão de Investigação e Pesquisa em Psicanálise e membro associado do CEPdePA, mestranda do PPG Psicanálise: Clínica e Cultura pela UFRGS.

4 Psicanalista, mestre e doutora em Psicologia pela UFRGS, integrante da Comissão de Investigação e Pesquisa em Psicanálise e membro do CEPdePA.

5 Psicanalista, integrante da Comissão de Investigação e Pesquisa em Psicanálise e membro associado do CEPdePA, mestra em Psicanálise: Clínica/Cultura pela UFRGS.

dos caminhos que levariam à elaboração e à análise da narrativa dos entrevistados. Sendo assim, apresentava-se a cada entrevistado um crivo de imagens anteriormente produzidas, de autoria alheia, e propunha-se a eleição de uma que representasse a vigência da psicanálise. A partir dessa escolha, pedia-se uma justificativa para tal. Faz-se importante salientar que também a análise do material deveria ser feita através de categorias previamente estabelecidas pela comissão científica da Federação.

A convocatória para desenvolver uma reflexão, justamente sobre a vigência contemporânea da psicanálise, foi proposta em um formato metodológico determinado *a priori*. Essas proposições, que tensionam o trabalho a partir de uma antecipação, como tentativa de uniformizar o método e tornar os resultados mais fidedignos e isentos de vieses, dispararam um debate sobre as implicações da ética psicanalítica na condução de investigações na clínica e na cultura. Nesse contexto, surgiu a necessidade de nos remetermos a tempos passados.

Qual é o cenário de produção de conhecimento que alberga o surgimento da Psicanálise enquanto disciplina? É no deslocamento do saber produzido pela Igreja Católica ou pelas tradições sociais (séculos XV, XVI) - tempo em que os padecimentos da alma eram tratados como possessão demoníaca para a emergência de verdades que se produzem a partir da racionalidade, da causalidade e do empirismo - que encontramos o cenário da Viena de 1900.

Mas uma manifestação de padecimento, sobretudo feminino, interrogava a verdade radical e racional médica. A medicina, por encarregar-se do adoecimento dos corpos, viu na doença histórica um enigma, e razão não encontrava formas de explicar o fenômeno. Muitos buscaram entender a sua etiologia, Charcot, Meynert, Brentano, Breuer, entre outros médicos da época que, a partir de métodos empíricos, descrevendo sinais e sintomas, ocupavam-se em buscar razões organicistas relacionados a fatos enigmáticos que ocorriam nos corpos das mulheres da época. O desconforto produzido pelo furo no saber médico operado pelas históricas até aquele momento contribuiu para que o jovem médico e pesquisador Freud interrogasse a origem daquele sofrimento e a terapêutica para combatê-lo no campo da subjetividade. Nasce uma disciplina, a Psicanálise, a partir do des-

centramento da razão para o irracional que nos habita. O sujeito do *Ics* se produz a partir do resto operado pela ciência positivista.

Durante toda sua obra, implicado em ambiguidades diante do desejo de reconhecimento científico, Freud toca algumas vezes no tema da cientificidade de sua produção teórica. Elencamos aqui a última de suas *Novas Conferências Introdutórias*, escrita em 1933. Jung, em 1928, propôs que a psicanálise disporia de uma “Weltanschauung” – ou cosmovisão – própria. Em 1933, Freud, talvez em resposta às proposições Junguianas, trouxe apontamentos que, situados no período final de sua produção, podem ser entendidos como sua visão última sobre o tema Psicanálise e Ciência. Ao discutir “A questão de uma Weltanschauung”, Freud (1933[1932]) refletiu o sobre a relação da psicanálise com a ciência, bem como trouxe uma reflexão sobre os lugares ocupados pela filosofia e pela religião, enquanto formulações as quais também reivindicam para si uma verdade universal, uma cosmovisão.

Freud reconhece que a contribuição da Psicanálise “à ciência consiste justamente em ter estendido a pesquisa à área mental. E, aliás, sem tal psicologia, a ciência estaria muito incompleta” (FREUD, 1969, p. 156). Logo, não reconhece em sua invenção a possibilidade de sustentar, por si, uma visão de mundo, mas que a Psicanálise compartilharia da Weltanschauung científica, desde que a ciência também estivesse disposta a acolher as reivindicações do psiquismo humano, sob pena de desprezar as necessidades da mente do homem.

Mas a que se refere Freud quando pontua as especificidades do sujeito psíquico? É possível pensar que essa inclusão ocorreu? De que forma a ciência aderiu a essas reivindicações de inclusão das questões anímicas? Com a emergência do conceito de inconsciente, que pressupõe não um indivíduo, mas, sim, um sujeito dividido, o que há não é um rompimento com o cientificismo positivista. Há, sim, a possibilidade de escutar o que desse sujeito escapa ao discurso científico, sua própria subjetivação. Assim, a práxis da Psicanálise “não implica outro sujeito senão o da ciência” (LACAN, 1966, p. 878). Ou, como coloca Lacan, em outro momento: “Não há ciência do homem porque o homem da ciência não existe, mas apenas seu sujeito” (LACAN, 1966, p. 875). A Psicanálise incide nessa fenda em que a ciência se mostra impossibilitada de suturar o sujeito.

Reitera-se, então, a ideia de que a Psicanálise atenta justamente para aquilo que a ciência rejeita, conforme pontua Elia (1999):

A Psicanálise, ao retomar uma *démarche* científica, vai subverter o sujeito suposto e excluído, a um só tempo, pela ciência, e trabalhar a partir da inclusão do sujeito no campo de sua experiência, inclusão que curiosamente se faz, não por acaso ou contingência, pela via do *inconsciente*: retirado da condição de excluído, condição própria ao *sujeito da ciência*, o sujeito da Psicanálise só pode ser incluído como *sujeito do inconsciente* (ELIA, 1999, n. p.). Retornando à proposta de problematizar o delineamento da pesquisa que inspira este ensaio, reafirma-se a impossibilidade de encerrar a Psicanálise, seja em uma imagem pré-determinada, em um conceito ou uma explicação, extirpando do processo de confecção o *a posteriori* necessário para que um efeito singular se produza. Tal conceito mostra-se como operador fundamental para a presente reflexão por subverter a noção de um “determinismo linear, que considere unicamente a ação do passado sobre o presente” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1991, p. 33). Logo, mostra-se incoerente uma proposta antecipatória do encontro com o material, na medida em que a aparição do inconsciente emerge a partir do ruído, do estranhamento que surge de uma escuta não previamente determinada.

Ao nos debruçarmos sobre as entrevistas a partir das categorias *a priori* estabelecidas pela presente proposta, chamou nossa atenção a marca do único, do inusitado no que tange à Psicanálise: do estranhamento, do que não está colocado de antemão. Pois não é justamente o estranho a emergência do sujeito do inconsciente? Compreendemos que é exatamente assim que a Psicanálise se mantém viva e revigorada nesse mundo em transformação que aqui discutimos. A possibilidade do inusitado que percorre a clínica psicanalítica mantém a Psicanálise vigente, ou mais, pulsante.

Ao seguirmos essas problematizações e debruçarmo-nos sobre as respostas dos nossos entrevistados, obtemos a seguinte fala: “*É contra um propósito ético*

*enquanto analista eu escolher uma imagem que dê conta do que é a Psicanálise”. Ou ainda: “eticamente eu não posso escolher nenhuma imagem porque eu não concordo com a forma como está sendo feita essa pesquisa”.*

Ao perceber a Psicanálise em um campo ético e paradigmático diferente da Psicologia, nos remetemos às discussões sobre as possíveis/impossíveis relações entre a Psicanálise e outras formas de ciência. Contrária à proposta por Freud em sua conferência, mas sustentada por Lacan em inúmeros momentos, essa citação propõe que a ética da Psicanálise é o elemento que a diferencia da Psicologia Experimental e que a vigência da disciplina depende do que ela representa para cada um daqueles que a buscam como terapêutica. A singularidade da experiência, a impossível uniformidade diante do incognoscível de seu objeto de investigação impedem que consigamos, *a priori*, encontrar respostas universais, totais ou completas, que correm o risco de surgir como a morte das perguntas. É o que pontua Freud em *Pulsões e destinos das pulsões* (1915):

É comum que imaginemos poder intuir tais relações antes mesmo de podermos caracterizá-las e demonstrá-las, mas só depois de termos investigado mais a fundo determinado campo de fenômenos é que poderemos formular com mais precisão seus conceitos básicos e modificá-los progressivamente. (FREUD, 1915, p. 145)

É só depois que podemos pensar os efeitos de uma investigação. Não podemos esquecer que a Psicanálise nasce a partir do descentramento da razão para o irracional. O sujeito da Psicanálise será sempre um sujeito projetado para fora dos enunciados científicos, aparecendo aí como falta. Ainda, ao seguirmos acompanhando as entrevistas, emerge outra fala: “...é não ter imagem e nem frase, nem reconhecimento de lugar nenhum que dê conta do que é ser psicanalista. Porque se algo tacha, se algo fecha, acabou a Psicanálise. A vigência da Psicanálise ocorre por conta disso”.

A sustentação da posição abstinente, da suspensão do desejo, para orientar a prática psicanalítica, seja na pesquisa ou na clínica, parece ser condição para a sustentação de sua vigência, conforme o material analisado. Além disso, surge nas

entrevistas o questionamento não só sobre um método *a priori* estabelecido e a necessidade de encaixar uma narrativa em imagens pré-estabelecidas, como também a inquietação diante da primazia da imagem sobre a palavra.

“O imaginário não dá conta do que vai ser a Psicanálise, do discurso da Psicanálise, o que é ser um psicanalista”. Como psicanalistas, trabalhamos com as palavras, os discursos falados, deixando o campo da visão em segundo plano. “A psicanálise é um contrafluxo. Então a gente fica sempre tentando nomear o inominável”. Logo, o que aparece nas entrevistas é um questionamento sobre o uso da escolha de uma imagem como método de pesquisa que trate da Psicanálise.

O que encontramos nas entrevistas a que tivemos acesso foi um questionamento sobre o método de pesquisa psicanalítica e sobre como o método proposto poderia se encaminhar ou não para um fechamento da questão sobre a vigência da Psicanálise. Ao falarmos em metodologia, pode-se remeter automaticamente ao discurso científico vigente, que muito pouco teria a ver com Psicanálise, já que esta busca o singular de cada indivíduo. “Para nós, contudo, o termo *metodologia*, na acepção que convém à Psicanálise, concerne no mais íntimo grau à experiência psicanalítica, constituindo-lhe as vértebras e as condições de possibilidade de uma clínica psicanalítica” (ELIA, 1999, n. p.). Com efeito, como propor uma pesquisa que seja regida pela ética da Psicanálise?

Ao pedirmos para que o sujeito fale através da regra fundamental, a associação livre, que se desprenda de qualquer valor moral, estamos pedindo que deixe advir o sujeito do inconsciente. Esse, sem qualidades, não se mostrará por meio de qualquer *a priori* que possa existir. Essa é a posição abstinentes do analista, e é a posição abstinentes do analista pesquisador. A regra fundamental, expressa no início de um tratamento, convoca que o sujeito fale sem crivo algum. Assim, é essencial para uma pesquisa psicanalítica que o pesquisador psicanalista esteja transferenciado com a Psicanálise e com seus fundadores. É essa transferência que sustenta a ética da pesquisa. Logo, não se trata de uma interlocução entre duas searas distintas, pesquisa e Psicanálise, mas sim de uma condição intrínseca: a Psicanálise é pesquisa.

Se o analista pesquisador vai ao encontro do acaso, na busca não de respostas fechadas, mas de questões que abram ainda mais a problemática, é nesse mo-

mento de surpresa que está a possibilidade criativa de uma pesquisa psicanalítica. Embora o método psicanalítico seja guiado por um caminho sem destino final prévio, ele, ainda assim, não se faz sem os “fundamentos-base” da psicanálise, o que resume sua própria ética. *“Cada analista pensa de uma forma completamente singular em relação à psicanálise. Existe o que cada psicanalista constrói dentro de uma ética”*.

Assim, encerramos este trabalho, mas não a questão, com um achado de nossa pesquisa: “É com a análise que a gente vai se permitindo gostar mais das coisas que não tem formato”.

## REFERÊNCIAS

ELIA, L. A transferência na pesquisa em psicanálise: lugar ou excesso? **Psicologia: reflexão e crítica**. Porto Alegre, v. 12, n. 3, n. p., 1999.

FREUD, S. (1915) Pulsões e destinos da pulsão. In: \_\_\_\_\_. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2004. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, 1).

\_\_\_\_\_. (1933[1932]). Conferência XXXV: A questão de uma Weltanschauung. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (Edição Standard Brasileira, 22).

LACAN, J. (1966). A ciência e a verdade. In: \_\_\_\_\_. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. (Campo freudiano no Brasil).

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.